

# A DÚVIDA COMO BASE DO APRENDIZADO, SEGUNDO DESCARTES

---

### Carlos Rodrigo Soares

O sofrimento pode ser apreendido de diferentes maneiras pelos seres humanos. No primeiro capítulo do livro ficou evidente a perspectiva mais subjetiva e abrangente que o sofrimento tem dentro dos campos de experiências. Mas o campo que nos interessa aqui é o da educação, mais particularmente as questões do sofrimento na educação a partir do filósofo seiscentista René Descartes (1596-1650). Ao se falar sobre o filósofo francês, evoca-se rapidamente a questão do racionalismo na mentalidade moderna. Os problemas do racionalismo cartesiano na educação do mundo contemporâneo já foram claramente colocados no início da obra; portanto, não dispenderemos muito espaço aqui nessa discussão. Partiremos de uma leitura mais concentrada na própria obra de Descartes, intitulada **Discurso do método**, publicada em 1637 (SILVA, 2005, p. 25). Objetivamos entender na “história ou, se preferirdes, [...] fábula” (DESCARTES, 2001, p. 7), a relação

entre aprendizagem e sofrimento, sabendo que o filósofo não tratou diretamente desse conjunto de temas. Ainda assim, o capítulo pretende contribuir para a compreensão do pensamento de Descartes e do processo educativo.

Descartes não escreveu diretamente sobre o processo educativo ou, pelo menos, não de maneira sistemática. Nesse sentido, fica evidente que não poderemos construir uma pedagogia cartesiana. Não é isso que se pretende aqui. O objetivo é fazer uma breve análise do **Discurso do método** e perceber como a própria escrita cartesiana testemunha a presença de certas formas de sofrimento no seu crescimento ou em seu desenvolvimento e aprendizagem enquanto sujeito. O filósofo dá indícios de um “pensamento educacional no cartesianismo”, principalmente na primeira parte da obra (OLIVEIRA, 2006, p. 76), mas também na totalidade dela, apesar de nossa ênfase estar na primeira parte.

## O MÉTODO CARTESIANO

Descartes fala a partir de uma perspectiva epistemológica e indica certa angústia pelo caminho pelo qual passou e pelas questões que propõe. Descartes atribui à sorte o fato de ter se “encontrado, desde a juventude, em certos caminhos que [o] conduziram a considerações e máximas com as quais form[ou] um método” resultante de sua trajetória (OLIVEIRA, 2006, p. 6). Buscou por toda a parte aquilo que somente conseguiu encontrar ao testemunhar o método que alega ter criado para si mesmo no sentido de alcançar um conhecimento baseado na razão, um conhecimento verdadeiro.

Na juventude, Descartes estudou no colégio francês La Flèche e, apesar de fazer críticas ao ensino jesuítico que lá recebeu entre os 10 e 14 anos, o filósofo também reconhecia sua importância, pois registrou que “estava numa das mais célebres escolas da Europa” (DESCARTES, 2001, p. 8). Fazendo um breve apanhado de sua trajetória, Descartes ressalta sua busca por conhecimento, por todos os meios sugeridos a ele pelos que eram considerados “doutos” no seu século. Porém, acabou descobrindo sozinho, numa cabana, um método que lhe trouxe uma solução epistemológica.

Nas primeiras páginas do livro, Descartes revela uma constante frustração com as próprias experiências em contraste com as expectativas que tinha. A mudança de atitude pode ser percebida pelo recurso constante ao imperfeito: “eu acreditava”, “apreciava muito”, “comprazia-me” e “eu reverava” (DESCARTES, 2001, p. 10-11). Essa mudança não foi necessariamente negativa, pois foi útil e necessária para seu crescimento. No final das contas, aprendeu que “o método, como instrumento epistemológico, tem valor não somente porque nos fornece conhecimento ou nos ensina a adquiri-lo, mas também porque a sua não-aplicação acarreta erro” (JAUME, 2020, p. 120). O método foi, então, essencial para o seu crescimento.

De fato, Descartes faz um percurso de crescimento em três dimensões na primeira parte de sua obra. O primeiro mundo seria o das letras e ciências, ao qual ele se dedicou completamente. O filósofo disse: “não me tendo contentado com as ciências que nos ensinavam, percorreria todos os livros que me caíram nas mãos” (DESCARTES, 2001, p. 8). O segundo mundo seria o mundo do senso comum e das experiências, pois, em 1618, ele “integra-se ao exército do príncipe Maurício de Nassau, que combatia os espanhóis, com a única intenção de viajar” (SILVA, 2005, p. 18). Alegou ter feito isso para não ficar preso num “gabinete” (DESCARTES, 2001, p. 13). Por fim, voltou-se ao mundo da razão própria, no qual desenvolve, de fato, o seu método.

Descartes faz esse percurso na primeira parte da obra, para delimitar a viagem que fez nos livros, nas ciências e letras para “conversar com as pessoas dos outros séculos” (DESCARTES, 2001, p. 10). Isso fez com que ele se perdesse e virasse um estrangeiro em seu próprio século. Depois, procurou mergulhar no próprio tempo, viajando “no grande livro do mundo”, para conhecer e ver “cortes e exércitos, e conviver com pessoas de diversos temperamentos e condições” (DESCARTES, 2001, p. 13).

Esses dois primeiros mundos não lhe deram muito “resultado”. Por isso, declarou: “tinha sempre o imenso desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro em minhas ações e caminhar com segurança nesta vida” (DESCARTES, 2001, p. 14). O filósofo estava ciente de que era necessário testar os saberes na interrelação com o mundo. Era necessário desenvolver a capacidade de ouvir a razão. Assim, enquanto decide viajar, Descartes busca estudar a si próprio para melhor escolher os caminhos a seguir. No decorrer de todo o restante da obra, esse último mundo vai ser explorado, evidenciado e afirmado por Descartes.

## DÚVIDA E SOFRIMENTO

A dúvida cartesiana do terceiro mundo interior que se desdobra nas outras partes do **Discurso do método** assume uma forma de sofrimento existencial no processo educativo, pois o filósofo busca persistentemente uma “perfeita tranquilidade de espírito” (DESCARTES, 2001, p. 82). Cabe então entender qual seria o seu impacto na educação. Duas coisas parecem certas: a primeira é que o crescimento e a aprendizagem de um ser humano são multifacetados e complexos; a segunda é uma condição *sine qua non* segundo a qual o sofrimento aparece como uma experiência indissociável da vida humana. Nesse sentido, qual seria a relação existente entre o sofrimento e a aprendizagem?

A dúvida parece ser um conceito que perpassa essa relação complexa e Descartes instrumentalizou a dúvida radical para uma funcionalidade racionalista, buscando alcançar os limites epistemológicos que lançaram as bases do conhecimento científico moderno, mas também para alcançar a tranquilidade que ele mesmo buscava. É “o processo da dúvida é, como já vimos, metódico porque, a bem dizer, duvidar é procurar o fundamento, um ‘ponto fixo e seguro’ no qual se possa apoiar a reconstrução da ciência” (SILVA, 2005, p. 46).

O caminho que levou ao *cogito, ergo sum* pode ser entendido como um processo de aprendizagem, pois “o método supõe um ideal de formação, no sentido de treinamento e instrução, tendo, portanto, um valor didático intrínseco” (JAUME, 2020, p. 109). Esse ideal está no próprio ato de aprender e é parte fundamental do processo educativo. Diante disso, levanta-se o questionamento se aprender é um processo que tenha que ser constituído de prazer em todas as suas dimensões, esferas e etapas, ou se a dúvida em si, principalmente, a dúvida cartesiana, pode carregar também certa forma de sofrimento. Para Descartes, aprender na passagem dos três mundos foi um processo de libertação difícil, de aquisição de autonomia em relação aos seus preceptores.

Assim, Descartes (2001) assume uma perspectiva singular em relação ao aprender. Sua reflexão parte de um ideal pedagógico, como explicita Jaume (2020, p. 120):

Com a imagem do homem cartesiano mencionada anteriormente (um homem dividido entre o saber e o mundo), a prática do conhecimento não pode deixar de ignorar o referido momento analítico. O ato de aprender envolve o ser humano como um todo, como unidade psicofísica. A fadiga, os enganos dos sentidos, a fraqueza da vontade ou da memória são dificuldades experimentadas por todas as pessoas.

Fadigas, enganos e fraqueza, entre outras dificuldades, fazem parte do momento analítico. As últimas décadas puseram muita ênfase no aspecto lúdico e prazeroso do ato de aprender. Porém, como bem colocou Jaume, esse momento analítico e psicofísico do método cartesiano reconhece as dificuldades que as pessoas experimentam na busca do conhecimento.

## CONCLUSÃO

Enquanto educadores e institutos têm defendido que o ato de aprender tem que ser necessariamente divertido, a dúvida cartesiana evidencia uma experiência com o ser humano que não remete a uma visão hedonista, compreendendo que certo tipo de sofrimento faz parte do processo de conhecer, de aprender.

A determinação categórica de certas vertentes educacionais de ressignificar as práticas didáticas dos docentes, fazendo da renovação lúdica um elemento imprescindível para que haja aprendizagem parece se originar, portanto, da ideia de que o sofrimento e sua presença na aprendizagem devam ser combatidos e evitados a todo custo no processo educativo. Não parece nada aceitável o sofrimento no processo educativo, assim como foi demonstrado no capítulo inicial desta obra em relação às várias correntes de pensamento, como a materialista, emocional, progressista, espiritual e os racionalismos modernos em si. Apesar disso, como o sofrer é parte inevitável da condição humana, parece não fazer sentido extirpá-lo completamente do processo educativo.

Descartes (2201) trouxe inúmeras contribuições para a história da ciência e, de modo específico, para a educação e para o processo educativo no desenvolvimento humano. Uma das suas possíveis contribuições pode ser apontada no seu método, na dúvida cartesiana. No **Discurso do método**, que é uma das principais obras do filósofo francês, a dúvida é posta como um instrumento essencial para a compreensão do mundo e a construção de certezas sólidas. Contudo, isso não ocorre sem certa dose de sofrimento.

Aprender exige um processo do entrecruzamento de dúvidas e certezas que forjam um crescimento gradativo de cada sujeito. Essa fusão metódica entre a dúvida cartesiana e a busca de certezas provoca diferentes formas de sofrimento que aparecem justamente como parte fundamental do próprio crescimento e desenvolvimento do ser humano.

## REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAUME, Andres L. Knowledge, method and upbringing in Descartes and Comenius. **Forum for Contemporary Issues in Language and Literature**, n. 1, p. 109-123, 2020.

OLIVEIRA, Fernando B. Educação em Descartes: que educação racionalista é essa? **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, v. 4, n. 6, p. 55-78, 2006.

SILVA, Franklin L. **Descartes: a metafísica da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Modernidade, 2005.